

# O CARÁTER SIMBÓLICO DOS ANIMAIS NA OBRA DO PADRE MANUEL BERNARDES: O CÃO

Alfredo Leme Coelho de Carvalho  
UNESP e UFAL

Este trabalho é o resultado parcial de um estudo que vimos realizando sobre a simbologia animal na obra do Padre Manuel Bernardes. Aqui está restrito ao cão, e julgamos conveniente, antes de entrar na matéria propriamente dita, fazer algumas considerações gerais e relativas ao contexto bíblico.

## a) Considerações Gerais e Contexto Bíblico

Sobre o assunto manifestou-se o Padre Rafael Bluteau, contemporâneo de Bernardes, em seu notável *Vocabulário Português e Latino*, obra publicada em dez volumes (oito e mais dois de Suplemento) entre 1712 e 1727. O Padre Bernardes viveu, como se sabe, de 1644 a 1710<sup>1</sup>.

Define Bluteau o cão como "animal quadrúpede, doméstico, de que há muitas espécies, singularmente amigo do homem e símbolo da fidelidade", acrescentando que "da amizade do cão para o homem há nas histórias infinitos exemplos" (Vol. II, p. 114).

Aliás, para o autor do artigo sobre o cão na famosa *Enciclopedia Italiana de Scienze, Lettere ed Arti*, é esse animal não só "talvez o mais inteli-

1 Segundo informa a *Enciclopedia e Diccionario Internacional*, editada no Rio de Janeiro e em Nova York por W. M. Jackson, s/data, Vol. III, p. 1498, "D. Rafael Bluteau, clérigo regular teatino, nasceu em Londres em 1638, de pais franceses, e morreu em Lisboa em 1734. Aos seis anos abandonou a Inglaterra em direção à França. Aí estudou humanidades, e doutorou-se em Roma em 1661... em 1668 foi para Portugal, onde aprendeu a língua portuguesa e adquiriu grandes créditos de pregador... O Pe. Bluteau morreu respeitado por todos como um dos homens mais doutos do seu temp. Escreveu *Vocabulário Português e Latino*, 8 vol., 1712-1721, *Suplemento ao Vocabulário Português e Latino*, 2 tomos, 1827; *Coleções de Sermões*, etc.". Bernardes e Bluteau são, pois, quase contemporâneos. Seria de grande importância para a cultura nos países de língua portuguesa uma reedição da raríssima e extraordinária obra lexicográfica do Padre Rafael Bluteau, de preferência em facsímile.

gente de todos" como um "verdadeiro simbiote do homem, ao qual se afeiçoava mais do que qualquer outro"<sup>2</sup>.

Notamos, entretanto, que o cão é também visto, freqüentemente, a uma luz negativa. Bluteau vê nele três defeitos fundamentais:

- a) é "guloso e sófrego";
- b) "a todos os que não conhece ladra e a muitos morde";
- c) "é imprudentemente lascivo, porque publicamente e sem vergonha satisfaz seus desonestos apetites" (Vol. II, p. 115).

Esta última nota é curiosa e impertinente, tratando-se de irracionais, mas tem o seu quê de verdade impressionista se consideramos os bandos promíscuos de cães de toda sorte que se reúnem e perambulam pelas ruas na época do cio.

Faltou a Bluteau apontar a subserviência do cão, que o deprime aos olhos dos homens, assim como os seus hábitos necrófagos em certos lugares, e a insólita e repugnante balda de às vezes retornar ao próprio vômito.

Lembra Bluteau que "em vários lugares da Escritura os infiéis, os desprezadores da palavra de Deus, os perseguidores dos justos e outros malfetores são chamados cães". Observa que "o nome de cão é sumamente afrontoso" e discorre de maneira muito pitoresca a esse respeito:

*É hoje tão comum essa injúria, que não só pessoas particulares com ela reciprocamente se maltratam nos reinos, e nações inteiras se perseguem e se empulham. Tanto assim que, em certo modo, pudéramos dizer que no mundo não há nação mais numerosa que a dos cães. Chamam os turcos aos cristãos cães, e nós não só chamamos cães aos turcos, mas a todo o gênero de infiéis; chamamos cães aos hereges, cães aos judeus; até entre cristãos, o criado que não serve bem é cão, é cão o amo que não paga ao criado, e deste gênero de cães há tantos quantos animais, assim racionais como irracionais, são capazes da injúria deste nome. (Vol. II, pp. 115-116)*

Poderia explicar-se isso considerando que, como mais próximo de nós, é o cão o primeiro animal cujo nome nos ocorre para expressarmos a outrem o nosso desprezo ou a nossa raiva.

A palavra **cão**, em sentido injurioso, é pitorescamente usada por Camões no primeiro Canto dos **Lusíadas**:

*Andam pela ribeira alva, arenosa  
Os belicosos mouros acenando  
Com a adarga e co'a ástrea perigosa,  
Os fortes portugueses incitando.  
Não sofre muito a gente generosa  
Andar-lhe os cães os dentes amostrando ... (I, 87)*

Sobre as referências ao cão na Bíblia, citaremos inicialmente o **The Bible Companion**, organizado por William Neil: "Cão (Ex. 11, 7; Deut. 23,

<sup>2</sup> Enciclopedia Italiana di Scienze, Lettere ed Arti, Milão Casa Editrice d'Arte Bestelli e Tumminelli, 1930-1939, Vol. VIII, p. 715.

18, etc.): O cão é mencionado na Bíblia somente em termos de desprezo e asco, exceto pela referência ao cão de Tobias, nos Livros Apócrifos (Tob. 5,16); mesmo a referência aos cães pastores em Jó 30,1 é desdenhosa; e os cães domésticos não se distanciavam muito no conceito popular dos cães párias, dos devoradores de carniça ("scavengers") do Oriente, que chegavam a alimentar-se de carne humana"<sup>3</sup>. Ao nosso ver, cabe aqui uma pergunta ao Autor: "Que razão haveria para que os cães, deixados à míngua pelos homens, tivessem a sensibilidade racional de não comer cadáveres pelos próprios homens abandonados à insepultura?" Aliás, usa uma expressão de nítido caráter antropológico, ao dizer que "were ... not above eating human flesh". Ou seja, esfomeados, deveriam, por nobreza de carácter, poupar a carne morta daqueles que, vivos, os deixavam morrer de fome.

Trata do assunto John McKenzie, em seu **Dicionário Bíblico**:

*No antigo Oriente Médio, o cão era considerado um animal impuro. Era raro o uso do cão para a caça ou para guarda. A maior parte dos cães não tinha dono; geralmente eles viviam dos restos jogados pelos caminhos e ruas. Na antiga Lei hebraica, o cão era considerado um animal impuro, ao qual se devia jogar a carne impura (Ex 22,30). "Cão", "cabeça de cão" e "cão morto" eram insultos (1Sm 17,43; 2Sm 3,8; 16,9) ou então expressões de auto-humilhação (1Sm 24,15; 2Sm 9,8; 2Rs 8,13). Os cães famintos e abandonados devoravam até carne humana (2Rs 1,10) e atacavam as pessoas (Sl 22, 17; 59, 7.15)<sup>4</sup>.*

Há duas estranhas referências ao cão na Bíblia, ambas no Novo Testamento. Uma delas, sobre a qual falaremos mais tarde, na Epístola de São Paulo aos Filipenses, a outra no Evangelho de São Mateus (XV, 26-27), em que se descreve o diálogo entre Jesus e a mulher cananéia. Comenta o autor do verbete sobre o assunto no **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**, de A. van den Born et alii, que ali Jesus "não tem a intenção de chamar os israelitas de filhos e os gentios de cães; faz apenas uma comparação com a vida cotidiana, em que os filhos são alimentados primeiro, enquanto os restos são para os cães; os judeus tinham um privilégio histórico na economia da salvação, de sorte que o Evangelho devia ser pregado primeiro a eles (cf. Rom 1,16; 2,9s)<sup>5</sup>". McKenzie observa que as expressões de Jesus nessa passagem se enquadram no "tipo de diálogo considerado sapiencial no antigo Oriente Médio"<sup>6</sup>.

Outro tópico a ser debatido é o uso que se faz no Brasil da palavra "cão" como sinônimo de "demônio", analisado com detalhe por Luís da Câmara Cascudo em seu **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Disso trataremos mais adiante, ao comentar trechos pertinentes da obra de Bernardes.

<sup>3</sup> Neil, William (Editor), **The Bible Companion**, Londres: Skeffington, 1959, pp. 328 e 337.  
<sup>4</sup> McKenzie, John L., **Dicionário Bíblico**, trad. de Álvaro Cunha et alii, 3. ed., São Paulo: Edições Paulinas, 1984, p. 145.  
<sup>5</sup> Born, A. van den et alii, **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**, trad. de Frederico Stein, Petrópolis: Vozes, 1971, pp. 241-242.  
<sup>6</sup> McKenzie, op. cit., pp. 145-146.

Na Nova Floresta, o cão é apresentado como símbolo da fidelidade, em contraste com a ingratidão do homem para com Deus:

*Como é possível que, sendo fiel um cão a quem lhe dá um bocadinho de pão, não seja um homem a seu Deus, que se lhe dá a si mesmo? Verdadeiramente, se fizéramos julzo reto e avaliação justa das cousas, haviámos de morrer de pena e pasmo de haver sido ingratos a Deus...*

Em Luz e Calor, ressalta-se o valor do cão, acima de quaisquer outros animais, no que diz respeito à gratidão, por ser ele, nele, tão natural que, pelo seu caráter costumeiro, não chega a despertar a nossa surpresa ou admiração: "Do agradecimento do cão são mais freqüentes, mas não tão admiráveis os exemplos, por ser animal naturalmente mui lembrado e fiel a quem lhe faz bem" (LC, p. 32).

Chega-se aqui a um ponto polêmico, em que há divergência entre os intérpretes, e é necessário, se não resolver, pelo menos deslindar o assunto, a fim de que possamos entender melhor a posição do Padre Bernardes. Trata-se do Evangelho de São Lucas, Cap. XVI, vers. 19-21, passagem essa que é assim traduzida na versão do Pontifício Instituto Bíblico de Roma:

*Havia um homem rico que se vestia de púrpura e de bisso e todos os dias divertia-se com luxo. E um mendigo, chamado Lázaro jazia ao seu portão, coberto de chagas, desejoso de matar a fome com o que lhe caía da mesa do rico, e os cães lhe vinham lambe-las chagas.*

Traduções semelhantes a essa encontramos nas versões tradicionais de Pereira de Figueiredo<sup>7</sup> e Ferreira de Almeida<sup>10</sup>, assim como na de Matos Soares<sup>11</sup>, que até usa uma conjunção adversativa: "mas os cães vinham lambe-lhe as chagas", como a contrastar o comportamento destes com o do avaro rico. Outra não é a interpretação do erudito polígrafo português

7 Obras Completas do Padre Manuel Bernardes, 15 volumes, edição facsimilada dirigida por Augusto Magne, São Paulo: Anchieta, 1945-1947. Todas as citações da obra de Bernardes referem-se a esta edição. As obras citadas neste trabalho são a Nova Floresta, em cinco volumes, Luz e Calor e Exercícios Espirituais, fazendo-se no final da citação a referência pelas letras iniciais de cada uma: NF, LC, EE.

8 Bíblia Sagrada, tradução dos textos originais, com notas, dirigida pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma, São Paulo: Edições Paulinas, p. 1310.

9 A Bíblia Sagrada, traduzida em português segundo a Vulgata Latina por Antonio Pereira de Figueiredo, Segunda Edição, em dois tomos, Rio de Janeiro: B. L. Garnier, Livreiro-Editor, 1881.

10 A Bíblia Sagrada, versão revisada da tradução de João Ferreira de Almeida, de acordo com os melhores textos em hebraico e grego, Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1988.

11 Bíblia Sagrada, traduzida da Vulgata e anotada pelo Pe. Matos Soares, em quatro volumes, São Paulo-Rio de Janeiro: Pia Sociedade de São Paulo, s/data (1947/1948).

do século passado presbítero J. I. Roquete, que assim se manifesta na sua História Sagrada do Antigo e Novo Testamento:

*Para confundir a avareza dos fariseus e lhes fazer ver o castigo que aguardava aos avaros, propôs-lhes a parábola do rico avaro que trajava púrpuras e o linho fino, se banqueteara laudavelmente e nenhuma compaixão tinha dos pobres famintos; pois que o Lázaro lançado à sua porta, o corpo todo uma chaga, e a quem regalariam as migalhas que lhe caíam da mesa, nada favorecia, menos piedoso que os cães que lhe lambiam as feridas.*

Contra essa interpretação se insurge o especialista de assuntos bíblicos Padre J. Renié, para quem "é um contra-senso opor à dureza do rico a compaixão dos cães". Isto porque "o caráter perigoso do cão nos países orientais é confirmado por muitos naturalistas e viajantes. Sabe-se que esse animal vive num estado meio selvagem e que não teme, sobretudo quando tem fome, atacar ao próprio homem" (Revue des Études Juives, t. LIII, p. 20)<sup>13</sup>.

As versões mais modernas que temos em mãos, com exceção da do Pontifício Instituto Bíblico de Roma, traduzem o trecho de forma ambígua. Assim, a Bíblia de Jerusalém diz: "E até os cães vinham lambe-lhe as úlceras"<sup>14</sup>. A versão italiana de A. Girlanda et alii diz: "Perfino i cani venivano a leccare le sue piaghe."<sup>15</sup> e a The New English Bible traduz: "Even the dogs used to come and lick his sores."<sup>16</sup>

O que significa afinal esse "até", a que correspondem também o "even" e o "perfino"? Pode parecer que o lambe dos cães era um mal, que vinha para cúmulo de sua desgraça. Não fica excluída, entretanto, outra interpretação, que nos parece mais adequada ao contexto. É a de que a sua situação era tão aflitiva que a única ajuda que recebia tinha de vir dos cães, isto é, dos seres mais desprezados naquele lugar e naquela época. Enfim, vale a interpretação de Roquete, que será também a interpretação de Bernardes, como veremos.

Os argumentos que nos levam a essa conclusão são os seguintes: 1º) o ato de lambe, nos cães, não é agressivo, é antes carinhoso, amigo; 2º) o diálogo de Cristo com a mulher cananéia prova que havia na época cães domésticos, mansos para com os donos e pessoas amigas, que comiam as migalhas que caíam da mesa, o que indica uma proximidade pacífica com os homens. Ato ofensivo dos cães seriam o ladrar (às vezes, porque há também um ladrar amigo nestes seres destituídos de palavra) e o morder. Ora, não é este o caso, desfazendo-se assim a força do argumento de J. Renié, que citamos há pouco. Acrescentem-se a isso o episódio do cão de Tobias (XI, 9):

12 Roquete, J. I., História Sagrada do Antigo e Novo Testamento, Quarta Edição, em dois tomos, Paris: Aillaud-Guillard, 1863, II, p. 386.

13 Renié, J., Manuel d'Écriture Sainte, Tome IV, Les Évangiles, Quatrième édition, Paris-Lyon: Librairie Catholique Emmanuel Vitte, 1948, p. 538.

14 A Bíblia de Jerusalém, São Paulo: Edições Paulinas, 1985, p. 1961.

15 La Bibbia, nuovissima versione dai testi originali, con introduzioni e note di A. Girlanda et alii. Milão: Edizione Pauline, 1987, p. 1624.

16 The New English Bible, Oxford University Press - Cambridge University Press, 1970, NT, p. 97.

*Enão o cão, que os tinha seguido pelo caminho, correu adiante; e como que trazendo a nova, mostrava o seu contentamento festejando com a sua cauda.*

*E levantando-se assim cego seu pai, começou tropeçando com os pés a correr, e, dando a mão a um criado, foi encontrar-se com seu filho. E, acolhendo-o, o beijou e sua mulher, e ambos começaram a chorar de gosto ...*<sup>17</sup>

É comovente a cena do encontro familiar, de que participa o cão pelo anúncio da boa nova e pela sua alegria espontânea.

Na verdade, o ato instintivo no lamber dos cães tem efeitos terapêuticos, pois a saliva é asséptica e curativa. Como esclarece o artigo pertinente na *Encyclopaedia Britannica*, "a saliva reduz a cárie dentária e a infecção, removendo detritos de alimento, bactérias e glóbulos brancos que já não têm vida"<sup>18</sup>. É claro que o Autor está se referindo à ação normal da saliva humana na própria boca, mas, *mutatis mutandis*, o fato tem evidente aplicação no caso presente. Quanto à diferença entre a saliva humana e a canina, diz ainda a referida *Enciclopédia*, apenas, que "muitos carnívoros, tais como cães e gatos, não têm amilase em sua saliva, uma vez que a sua dieta natural contém muito pouco amido"<sup>19</sup>.

Chegamos assim à conclusão de que, realmente, como diz Roquete, em relação ao pobre Lázaro, "o rico era menos piedoso que os cães que lhe lambiam as feridas".

Toda esta longa exposição destinou-se a tornar mais aceitável para o leitor moderno o trecho seguinte de Bernardes, caracterizado por uma imagem estranha e chocante:

*Todo o pecado de pessoa batizada é matéria de confissão: logo, se neste tribunal houvesse bons ministros, isto é, dotados daquelas três prendas, os requisitos, que ensina Santo Tomás (Opusc. 60, de officio Sacerdotis), a saber: virgude, ciência e prudência, sem dúvida muitas chagas deste Lázaro, que é o corpo místico de Cristo, nas salutíferas línguas destes zelosos cães teriam medicina (NF, III, p. 287)*

A imagem não é estranha à tradição cristã medieval, como se pode ver da seguinte passagem do *Bestiário* de Pierre de Beauvais, que traduzimos em português da versão em francês moderno de Gabriel Bianciotto:

*O cão que cura a sua chaga com a língua representa os padres que lambem as nossas chagas, isto é, os nossos pecados, com a sua língua, ou seja, com a ajuda das suas admoestações na confissão*<sup>20</sup>.

Quanto à expressão "corpo místico de Cristo", usada por Bernardes, damos em nota a transcrição de parte do verbete a ela relativo do *A Catholic*

17 Pereira de Figueiredo, I, p. 527.

18 *Encyclopaedia Britannica*, Micropaedia, 15th Edition, Chicago: H. H. Benton, 1974, VIII, p. 814.

19 *Encyclopaedia Britannica*, Macropaedia, 15th Edition, Chicago: H. H. Benton, 1974, V, p. 784.

20 Bianciotto, Gabriel, *Bestiaires du Moyen Age*, Editions Stock, p. 65.

*Dictionary*, dirigido por Donald Attwater. O uso dessa expressão no texto de Bernardes dá à palavra "corpo" e à imagem usada um sentido mais amplo do que ela normalmente teria<sup>21</sup>.

O cão é também em Bernardes símbolo da ira, mas aqui o símbolo se divide, porque essa ira pode ser justificada ou pode ser inconseqüente. Como nesta parte estamos tratando dos aspectos positivos desse simbolismo, veremos um texto que se refere à ira devida:

*Por onde esta paixão (como acima dissemos) se compara ao cão, o qual ladra ao ladrão, e festeja ao senhor, e aos hóspedes nem festeja nem ladra: Qui igitur (diz o Filósofo) ad quae oportet, et quibus oportet, irascitur, laudatus; esseque in mansuetus potest (Aristotel, IV "Ethicor.", c. IX). E assim, tão longe está de pecar o prelado que se ira quando e como convém que, antes, se o não fizer pecará; porque a dissimulação e sofrimento, quando é irracional, semeia vícios, fomenta negligências, e convida para o mal não só aos maus senão também aos bons ..."* (NF, V, 431)

O latido dos cães é ainda em Bernardes símbolo das paixões que se manifestam com clareza, ao contrário de outras, que penetram na alma com dissimulação e sutileza:

*Não te fies do que julgas cuidando não estar apaixonado. Porque as paixões são de onze castas diferentes, e nem todas dão ladrido forte, como raíros; senão sibilo sutil, como serpente, ou canto suave, como sereia. E se não tiveres muito exercício em as discernir e mau alto remanso de coração, para as ver bulir dentro, jurarás que tal coisa não obraste por este ou por aquele motivo, e não é verdade, senão falta de conhecimento próprio (Luz e Calor, p. 259).*

### c) O Simbolismo Negativo

Quanto ao simbolismo negativo, falaremos novamente da ira, mas desta vez da ira irrefletida, da agressividade gratuita ou precipitada. Assim é

21 "Somente através de seu Corpo Místico aplicam-se os méritos de Cristo. Assim, não é o bispo individual que batiza, prega e governa, mas Cristo através dele; Cristo e a Igreja sacrificam com o sacerdote; o cristão individual não reza sozinho, mas Cristo e a Igreja rezam na sua pessoa ... e se a oração não é "respondida" para o indivíduo, ela o é para o Corpo. Nem está o Corpo Místico confinado à Igreja visível sobre a terra; ele inclui os redimidos no Céu e os paderentes no Purgatório e todos aqueles que de qualquer forma possam ser considerados como pertencentes à "alma da Igreja" (Attwater, Donald (General Editor), *A Catholic Dictionary*, Nova York, Macmillan, 1944, p. 356). Adiante explica-se que enquanto o Corpo Místico de Cristo reúne todos os membros da Igreja, a alma da Igreja abrange todos aqueles que "estão realmente em um estado de graça dependente dos méritos de Cristo e da ação santificante do Espírito Santo. É portanto mais ampla que o corpo visível da Igreja" (*Id.*, *ibid.*, p. 498). Isto entendido, vê-se que a passagem do livro de Bernardes ganha um sentido mais amplo.

que diz o Padre Bernardes: "a ira é comparada ao cão, e este às vezes primeiro morde ao hóspede do que seu dono lhe possa dar vozes" (NF, V, p. 419).

Bernardes repreende também os cães que não ladram na hora necessária, como símbolo dos religiosos omissos. Refere-se às ações de reis ou pessoas de preeminente autoridade que são "contra a fé católica e doutrina ortodoxa da Igreja Romana e contra os bons costumes, pretendendo introduzir leis perversas, com escândalo formal dos súditos", ocasião em que é "justa e necessária a correção que lhe der qualquer próximo ou ministro de Deus" (NF, III, p. 111). E, depois de uma justificativa histórica e doutrinária, acrescenta:

*Em ambos os casos a razão é clara: porque se ultraja mui enormemente a honra divina e se põe em manifesto perigo de ruína o bem da república, o qual prepondera a todo o respeito e dignidade humana, e se se não acudir a cauterizar este cancro, com diligência e fortaleza, lavrará por todo o corpo com dano irreparável. E quem neste tempo se calar por dependência ou pusilanimidade, ou qualquer outra razão terrena, não está seguro da ira de Deus, que estranha e acusa em seus ministros o serem cães mudos, que vendo o lobo não ladraram* (NF, III, p. 114).

Ressalva, porém, que para repreender pessoas tão eminentes é precisa muita autoridade moral, como foi o caso do profeta Natã com o rei David, de Moisés com o Faraó, do profeta Elias com o rei Acab, e ainda os casos de Daniel e de São João Batista, além de muitos outros, sobre os quais discorre Bernardes (NF, III, pp. 111-112).

Os cães podem ainda simbolizar pessoas ambiciosas e invejosas, a quem, por prudência, é melhor contentar, ao menos parcialmente:

*Costumava este sábio rei (D. Afonso de Aragão) não negar seus favores a pessoas que sabia muito bem que diziam mal dele. E estranhando-lhe alguém esta ação, por parecer frustrâneo e irracional, respondeu: "Aos cães deixa-se-lhes sopra para que não ladrem nem mordam"* (NF, II, p. 176).

Bernardes faz uma distinção entre os benéficos "cães de guarda" e aqueles a que chama "cães de estrado", que representam os lisonjeiros, gente que se caracteriza pelo seu nenhum valor e eventual nocividade: "E ainda que os pios e zelosos entrem (em Palácio) para avisar e repreender, em cães de estrado, que lambem e festejam com as caudas" (NF, IV, p. 352). Isto diz ele comentando a resposta que deu o Padre Jerônimo de Florença ao rei Filipe III, o qual lhe havia solicitado que pedisse alguma mercê. Jerônimo respondeu: "Peço não uma mas duas ... a primeira é que Vossa Majestade faça um verdadeiro ato de contrição; a segunda que premeie (no original está "premie") bons e castigue maus" (NF, IV, pp. 351-352).

Trataremos a seguir de uma estranha expressão usada por São Paulo, em cuja análise teremos de nos deter por algum tempo. O trecho é o seguinte:

*Porém aos hereges não sem mistério lhes chamou cães o Apóstolo: Videte canes (Philip. 3. 2), porque a impudência é propriedade sua... Por isso dizia*

*deles o incluído mártir Tomás Moro: "Nos princípios esta gente amparava-se da hipocrisia, depois manifestou a imprudência; de antes fingia religião, agora professa impiedade" (Stapleton, in ejus vita) (NF, II, p. 242).*

A expressão de São Paulo é muito dura, e causa surpresa ao próprio Bernardes ("não sem mistério", diz ele), mas lá está, em todas as traduções que conhecemos. São Paulo se refere aos judaizantes, que pretendiam manter no Cristianismo práticas superadas da Antiga Lei, notadamente a circuncisão. Daremos a seguir o trecho em três versões modernas diferentes, para comparação:

*Guardai-vos dos cães, guardai-vos dos maus operários, guardai-vos dos mutiladores. Pois nós é que somos os verdadeiros circuncisos, nós que, segundo o espírito de Deus, lhe prestamos serviço e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não pomos a nossa confiança na carne ...*<sup>22</sup>

*Cuidado com os cães, cuidado com os maus operários, cuidado com os falsos circuncidados! Os circuncidados somos nós, que prestamos culto pelo Espírito de Deus e nos gloriamos em Jesus Cristo e não confiamos na carne*<sup>23</sup>.

*Beware of those dogs and their malpractices. Beware of those who insist on mutilation - 'circumcision' I will not call it; we are the circumcised, we whose worship is spiritual, whose pride is in Christ Jesus, and who put no confidence in anything external*<sup>24</sup>.

Para explicar essa passagem, a **Bíblia de Jerusalém** tem um comentário curto e bastante plausível: "Epípeto que os judeus davam aos gentios (cf. Mt 15,16 e talvez 7,6) e que Paulo a eles aplica ironicamente"<sup>25</sup>. Essa nota é complementada pela da tradução do Pontifício Instituto Bíblico de Roma, que diz o seguinte: "Os três guardai-vos referem-se às mesmas pessoas, os judaizantes designados como cães raivosos, que dilaceram o Evangelho genuíno, maus operários, semeadores do joio, mutiladores com pretensões a impor a observância da circuncisão e outras práticas legais como necessárias à salvação"<sup>26</sup>.

Como vimos na passagem citada do Padre Bernardes, entende ele como heresia a atitude dos judaizantes, aplicando-se-lhes, e por conseqüência aos

22 **Bíblia Sagrada**, trad. dos textos originais dirigida pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma, p. 1502.

23 **Bíblia de Jerusalém**, p. 2208.

24 **The New English Bible**, NT, p. 253.

25 **Op. cit.**, p. 2208.

26 **Op. cit.**, p. 1502.

demais hereges, o epíteto de "cães", usados por São Paulo. Ora, para Bernardes, como representante do movimento da Contra-Reforma, as igrejas protestantes defendem doutrinas heréticas<sup>27</sup>. Longe das tentativas irênicas de hoje, os tempos eram de confronto entre Reforma e Contra-Reforma, e os adeptos de uma e de outra, como ninguém ignora, agrediam-se mutuamente<sup>28</sup>. Nada é de estranhar, pois, que, ainda mais com base no aparente precedente de São Paulo, e seguindo na sua esteira, passasse Bernardes a considerar a palavra "cães" como simbólica dos hereges. Assim, se explicam os textos que transcrevemos a seguir:

*Bem sei que a canalha impudente dos sectários não cessa de blasfemar deste poder espiritual e temporal do Romano Pontífice ... (NF, II, p. 195)*

*Um famoso destes ímpios, que foi o heresiarca Lutero, disse uma vez falando com os da sua canalha: "Nós comemos até morrer de fartos ..." (NF, IV, p. 118)*

*... a Igreja Católica nem por isso deixa de ser santa (ladrem quanto quiserem os hereges) ... (NF, I, p. 246)*

Neste último exemplo, Bernardes se refere à falta de respeito com que muitos católicos, ao invés de se comportarem com piedade, ocupam-se em conversas nas igrejas. Nem por isso, diz ele, a Igreja deixa de ser santa, "la-

27 A *Encyclopaedia Britannica* apresenta um conciso e bem elaborado artigo sobre o conceito e evolução histórica da palavra "heresia". Não sendo, evidentemente, possível transcrevê-lo na íntegra, reproduziremos o seu parágrafo final: "Depois da Reforma do séc. XVI a Igreja Católica Romana continuou fiel à teoria da Heresia antiga e medieval, denunciando doutrinas ou opiniões que considerava heréticas. Embora a maior parte dos grupos protestantes supusesse que mantinha a verdadeira fé cristã e que todos os outros eram heréticos, o gradual crescimento da tolerância e o movimento ecumênico do Séc. XX reviram drasticamente a noção de heresia tal como era entendida na Igreja anterior à Reforma. É agora possível para uma pessoa aceitar a doutrina da sua própria igreja sem considerar as outras como heréticas" (*Micropaedia*, Vol. IV, p. 1045).

28 Ao lermos a seguir as invectivas de Bernardes contra Lutero e outros dissidentes da Igreja Católica Romana, devemos ter em mente o clima de hostilidades da época, ao qual faz a seguinte referência o *The Oxford Dictionary of the Christian Church*: "His writings (refere-se a Lutero) contain many passages of deep religious feeling, but he also gives free play to his love of abuse and obscenities and his hatred of the Papacy, the bitterest attack on which was his last work, *Wider das Papsttum zu Rom, vom Teufel gestieft* (1545)" (*The Oxford Dictionary of the Christian Church*, Edited by F. L. Cross, Second Edition edited by F. L. Cross and E. A. Livingstone, Oxford University Press, 1985, p. 848). O título deste último tratado, que o autor inglês discretamente preferiu deixar em alemão, corresponde em português a *Contra o Papado em Roma, Fundado pelo Demônio*.

Contra Henrique VIII escreveu Lutero, segundo traduz o Padre Leonel Franca, o seguinte: "Este louco, este excremento de porco e de asno, quer sujar com as suas imundícias a coroa do meu Rei celeste; contra ele é preciso atirar lama e monturo, contra este libertino mentiroso, contra este doído rematado" (*Catolicismo e Protestantismo*, Segunda Edição, Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, p. 252). Esta citação combina com o que diz o *The Oxford Dictionary of the Christian Church*. Veja-se também Franca, Leonel, *A Igreja, a Reforma e a Civilização*, Quinta Edição, Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1948, p. 181.

drem quanto quiserem os hereges".

Nos dois trechos que se seguem, veremos o cão primeiro como símbolo dos que deliberadamente professam a impiedade, e depois como indicativo da **nenhuma valia** que a si mesmos atribuem aqueles que desejam apresentar-se com o máximo de humildade:

*Quando a pessoa eclesíastica e prudente vir que na casa de Deus há muitas impiedades, e que não só muitas mas grandes e valentes, que, como tais, podem opinar a justiça, neste tempo cerre a boca e não dê o santo aos cães; isto é, a doutrina santa e divina aos que hão de desprezá-la (NF, III, p. 108).*

*Desta doutrina, pois, se forma a resposta ao nosso inuento, dizendo que os santos se reputam por mais vis e abatidos que todos os homens, ainda os mais depravados pecadores, porque armam no seu conceito os extremos da comparação de modo que lhes saia verdadeiro e sem engano: isto é, olham para si somente pelo que têm de homens, que são defeitos, v.g. a falta de correspondência às inspirações divinas, a instabilidade da memória na presença de Deus, etc., e olham para o próximo somente pelo que tem de Deus, v.g. o ser imagem de Deus, remido com o sangue de Cristo, ou alguma boa obra que exercita, etc. Bom exemplo disto temos no santo rei David e seu émulo Saul, com quem falando se deu a si os vilíssimos apelidos de pulga e de cão morto: (1º Livr. dos Reis, XIV, 13) Quem perseguis Rex Israel? Quem peersequeris? Canem mortuum, et pulicem unum (NF, III, p. 273).*

Ainda dentro do mesmo espírito se pode citar uma passagem da *Nova Floresta* em que Bernardes se refere ao Infante Santo, D. Fernando, que, prisioneiro dos mouros dizia aos outros cristãos que compartilhavam a sua desgraça: "Vós desejais vingar-vos destes inficéis, amaldiçoando-os? Pois digo-vos que, se eles morrerem, vos darão por guardas outros piores. E, se não amarmos a nossos perseguidores, não temos que esperar os prêmios dos que sofrem com paciência. Digo-vos, de verdade, que tanto me abalam ou alteram quando me chamam cão, como se me chamassem seu rei e senhor" (NF, III, p. 98). Vemos aí, pois, a palavra "cão" como um dos termos mais ofensivos dos mouros, que o Infante D. Fernando procurava receber com a humildade de quem se declarava merecedor da desvalia desse nome, não perante os seus algozes, mas perante Deus, tal como David ante Saul.

#### d) O "cão demoníaco"

Trataremos a seguir da representação do cão como ser infernal ou como símbolo do próprio Satanás.

Esclareça-se que em várias culturas está o cão ligado ao mundo de depois da morte, apropinquando-se também, eventualmente, da simbologia infernal. Inicialmente, é tido como psicopompo: "La première fonction mythique du chien est universellement attesté, est celle de psychopompe, guide

de l'homme dans la nuit de la mort, après avoir été son compagnon dans le jour de la vie"<sup>29</sup>.

No Brasil dá-se um fenómeno curioso. A palavra "cão" é comumente usada pelo povo, principalmente no Nordeste, como sinónimo eufémico de "diabo".

Este fato causou estranheza ao folclorista Luís da Câmara Cascudo, que observa: "Na sinonímia portuguesa dedicada ao diabo não encontro "Cão". Ia mesmo de encontro à tradição clássica que faz deste animal o símbolo da fidelidade e da dedicação devota"<sup>30</sup>. A respeito dessa tradição, leia-se o interessante livro *História dos Cães Célebres*, de M. Freville, traduzido ao português em excelente linguagem por Caetano Lopes Moura e publicado em Paris em 1845<sup>31</sup>. Nesse livro há referência ao cão de Tobias e ao cão de Ulisses, celebrado por Homero na *Odisséa*.

Acrescenta Cascudo que "para os muçulmanos é o cão animal imundo, contaminando qualquer sacrifício, obrigando o sacerdote às purificações. Assim, para ele, "foram os árabes os condenadores do cão entre os africanos", noção essa que teria sido trazida para o Brasil pelos escravos arabizados. Mesmo assim, não encontra a justificação plena para a origem do "cão demoníaco". Cascudo diz mais o seguinte:

*Noutros idiomas (inglês, francês, italiano, alemão) valerá um insulto dizer alguém "cão". Mas o bicho não sai da terra, bem longe de Satanás et omnibus pompis eius... Nos Açores, entretanto, o Demónio é chamado Cão Negro e Cão-Tinhoso. Como os açorianos foram grandes povoadores do Brasil, vindos especialmente na primeira metade do séc. XVIII, devemos aos casais o Cão, valendo Diabo?*<sup>32</sup>

Como se vê, o seu tom é interrogativo, Cascudo não parece bem convencido. Pesquisando o assunto, verificamos que o "cão demoníaco", embora não entre como sinónimo habitual de diabo nas línguas e países citados, deixou ali alguns traços de sua existência, principalmente quando tem a cor negra. Assim, segundo Chevalier e Gheerbrandt, "en Bretagne le chien noir des Monts d'Arrée représente les damnés"<sup>33</sup>, e, de acordo com J. C. Cooper, "a black dog is sorcery, diabolical powers, the damned, death"<sup>34</sup>.

No curioso livro de Francesco Piqué, publicado em Milão em 1874, *Dizionario Infernale*, pode-se ler o seguinte a esse respeito:

*I cani erano ordinariamente i compagni fedeli dei maghi; era il diavolo che li seguiva sotto questa forma, per dar meno sospetto; ma sempre lo si rico-*

29 Chevalier, J. et Gheerbrandt, A., *Dictionnaire des Symboles*, Paris: Laffont-Jupiter, 1982, p. 239.

30 Cascudo, Luís da Câmara, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, 5. ed., Belo Horizonte: Itatiaia, 1984, p. 190.

31 Freville, M., *História dos Cães Célebres*, traduzida do francês por Caetano Lopes Moura, Paris: J. P. Aillaud, 1845.

32 Cascudo, *ibid.*, p. 191.

33 Chevalier, J. et Gheerbrandt, A., *ibid.*, p. 243.

34 Cooper, J. C., *An Illustrated Encyclopaedia of Traditional Symbols*, Londres: Thames and Hudson, 1984, p. 52.

*noceva benissimo malgrado che egli così si mascherasse. Leone, vescovo di Cipro, scrisse che il diavolo uscì un giorno da un'ossessa, sotto la figura di un cane nero... È il color nero che specialmente manifesta il diavolo sotto la pelle di cane*<sup>35</sup>.

Consta da biografia de Lutero escrita por Hartmann Grisar que ele se julgava, em certa época, perseguido por demônios, tendo dito: "na verdade não tenho perto de mim, ou melhor, contra mim, apenas um Satanás". E conta Grisar, a seguir, um fato que tem a ver com o nosso assunto:

*Com o tempo Lutero em seus sermões conviviais posteriores mostrou algumas vezes sua firme convicção de ter tido de se avir com manifestações visíveis de Satanás. Do diabo em figura de cão falam-nos Ratzeberger (nome de um médico amigo de Lutero) e o próprio Lutero. Um grande "cão negro inglês" uma noite o impedia de subir ao leitor, e somente cedeu quando Lutero pronunciou, pregando contra ele, um verso de um salmo*<sup>36</sup>.

Grisar faz alguns comentários e, para maiores explicações, remete para a sua obra maior, em três volumes, da qual temos em mãos a versão resumida, em tradução italiana. Não nos compete discutir a veracidade do fato, nem a sua real natureza, por estar fora de nosso escopo, uma vez que estamos tratando da obra de Bernardes, e não da vida de Lutero. A referência foi feita porque vale como mais um exemplo comprovativo da existência de uma tradição no sentido de se conceber o cão negro como símbolo do Diabo.

Podemos assim voltar ao exame da simbologia bernardiana. Nos *Exercícios Espirituais*, Bernardes se refere aos habitantes do inferno como um bando de "cães raivosos":

*Gerardo Zufaniense, varão piíssimo, ensinando-nos a fazer composição de lugar para a meditação do inferno, diz assim: "Lancemos a vista por aquele caos horribilíssimo, aquele cárcere subterrâneo e profundíssimo, aquela fornalha toda acesa e ondeando em labaredas terríveis. Imaginemos estar vendo uma grande cidade toda coberta de escuridade e assombro, e juntamente alagada em fogo, cheia da infeliz multidão de inumerável povo, clamando todos, e fazendo lastimosos prantos, pela veemência da dor, e ardor, e como cães raivosos mordendo-se uns aos outros" (EE, II, p. 219).*

Na mesma obra há ainda uma passagem orientada no mesmo sentido, e em que tem especial relevo o cão, como componente simbólico do inferno. Como se vê do texto anterior, trata-se de uma "composição de lugar para a meditação do inferno", em que tem livre curso a imaginação, conforme implicitamente o admite, segundo entendemos, o próprio Padre Bernardes. Não sendo possível saber-se, como dogma de fé, como é o inferno, procura-se imaginar como ele deve ser, admitindo-se sempre que possa ser ainda pior do que se imagina. O texto é o seguinte:

*Quando Alexandre Magno, por se vingar de Callstenes, varão insigne, o*

35 Piqué, Francesco, *Dizionario Infernale*, Milão: Pagnoni, 1874, p. 157.

36 Grisar, Hartmann, *Lutero: la sua Vita e le sue Opere*, traduzione del Prof. Alessandro Arrò, Turin: Società Editrice Internazionale, 1946, p. 191.

*fechou em uma gaiola de ferro em companhia de um cão, tanto horror causou este tormento aos que o viram, que um amigo do preso, por paixão que dele teve, o matou secretamente com peçonha, julgando (suposto que erradamente) ser mais tolerável uma miséria tal que o despenhasse de outra maior, e que melhor era sair da companhia dos vivos que viver na dos brutos. Que tormento será logo estar uma alma aferrolhada na enxovia do inferno, no meio de milhares de demônios, que são outros tantos cães danados e, suspirando pela morte, não haver quem lhe conceda (EE, II, p. 299).*

Há uma outra passagem de Bernardes em que o cão representa o demônio. A palavra empregada, no caso, é "rafeiro", inusitada no Brasil, mas muito freqüente nos livros portugueses, designando uma espécie de cão própria para guardar gado. São estas as palavras de Bernardes, referentes ao Padre Leão Henriques, da Companhia de Jesus:

*Recolhendo-se a dormir este Venerável Padre, viu lançado sobre a cama um fero rafeiro. Logo conheceu ser o demônio, e sem o temer, nem assustar-se, disse: "Deixa-te estar na cama, que melhor a mereces que eu, porque tu pecaste uma vez, e eu muitas"; e isto dizendo, se deitou debaixo da barra. O demônio, revirando-lhe a ponta da espada da humildade, para o ferir com ela mesma, disse: "Oh, que humilde és! Leão rebateu-a dizendo: "Mais soberbo sou que tu". Então desapareceu o demônio (NF, V, p. 270).*

Para concluir, faremos mais uma citação de Bernardes, em que ele se refere ao último capítulo do Apocalipse, no qual São João usa da palavra "cães" para designar aqueles que, pela sua impiedade, ficarão fora do Reino dos Céus:

*E por isso também São João, acabando de descrever as portas do Céu, acrescentou logo: **Foris canes** (Apoc. 22.15): Os cães fora. E explicando quais sejam estes, nomeia vários gêneros de pecadores: os embusteiros, os desonestos, os homicidas os que servem ídolos e todos os que amam a mentira e fazem más obras. A estes chamou cães para significar, com maior energia, como serão excluídos (EE, II, p. 401).*